

País deve perseverar, diz Mulford

Privatizações, supersafra agrícola e mudanças no ministério agradam ao governo Bush

PAULO SOTERO

Correspondente

Wilson Pedrosa/AE

WASHINGTON — Na tarde do dia 29 de janeiro, enquanto os diretores-executivos do Fundo Monetário Internacional debatiam o programa de estabilização econômica do governo Collor, o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, revelava a um visitante sua preocupação com o sucesso do plano, em seu gabinete oitocentista, decorado em tons azuis e dourados.

“Você acha que o Brasil precisa passar por uma crise ainda maior do que as que já enfrentou para encontrar o caminho do crescimento sadio?”, perguntou ele, referindo-se indiretamente à hiperinflação. “Outros países da região que fizeram o ajustamento estão mostrando os resultados e vocês deveriam se beneficiar do exemplo deles.”

Se havia alguma dúvida sobre como Mulford responderia à sua própria pergunta, ela desapareceu na quinta-feira passada, em Brasília, onde o alto funcionário americano foi levar pessoalmente o endosso de Washington à atual política econômica.

Perseverança — Como disse, o subsecretário do Tesouro acredita que, se o Brasil for capaz de perseverar na execução do duro programa de austeridade que negociou com o Fundo, fechar rapidamente um acordo com os bancos credores, acelerar o programa de privatização e abrir a economia para atrair capitais internacionais privados, sairá do atoleiro e decolará ainda no governo Collor.

O compromisso do presidente Fernando Collor de levar adiante um programa econômico ortodoxo, sem mágicas, e a credibilidade pessoal do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, não são os únicos fatores por trás do apoio americano.

Se os escândalos de corrupção envolvendo ex-ministros do atual governo consomem hoje a atenção do País, o panorama brasileiro, visto de Washington, melhorou de maneira considerável nas últimas semanas.

As mudanças no Ministério e os esforços de Collor de ampliar sua base de sustentação política foram notados com agrado por altos funcionários da administração Bush que lidam com o Brasil.

As oito privatizações de empresas públicas já completadas, a perspectiva de uma boa safra agrícola e os sinais de queda da inflação também jogam a favor.

São dados que, isoladamente, não representam muito, especialmente diante de uma inflação que permanece na casa dos 20%, mensais. Mas, soma-



Mudança de imagem

Mulford (dir.): se o País continuar no atual caminho, sairá da crise e crescerá

dos aos acordos com o Fundo e com o Clube de Paris, eles contribuem hoje para fixar uma percepção bem mais positiva e esperançosa sobre o País do que a que existia há cinco meses, quando Marcílio expôs sua

estratégia a um cético Mulford, em Bangcoc.

A imagem do Brasil, no campo econômico, tem se beneficiado, também, dos problemas que começam a pipocar nas últimas semanas em países da

região que já eram apontados como modelos em Washington.

A Argentina, que sonhou com uma inflação de 7% em 1992, viu os preços subir 5%, somente nos primeiros dois meses, numa economia dolarizada. O México conseguiu financiar um déficit comercial de US\$ 12 bilhões em 1991 graças a entradas líquidas de capital externo.

Mas há dúvidas sobre se o país conseguirá repetir a proeza antes de o pouco dinheiro que está entrando sob a forma de investimentos de longo prazo e o acordo de livre comércio com os Estados Unidos e o Canadá começarem a produzir resultados necessários para reequilibrar as contas externas mexicanas.

Há, por fim, a situação fluida que surgiu na Venezuela após a tentativa fracassada de golpe militar, em fevereiro. Não por acaso, uma idéia muito propagada até recentemente, segundo a qual o Brasil estava correndo atrás do resto da América Latina no processo de ajustamento da economia, perdeu força nas últimas semanas.

Principal arquiteto da Iniciativa para as Américas, do presidente George Bush, Mulford tem todos esses dados presentes e razões de sobra para apostar no êxito do programa econômico. Mesmo porque, como ele disse recentemente ao Estado, “a alternativa criaria dificuldades muito sérias” para o Brasil.